



Sabedoria x Informação

Qual o papel dos pais e dos educadores na comunidade escolar?

Eduardo Aquino

Para quem não se lembra, escola era um local sagrado, onde a disciplina e o respeito às regras de hierarquia, ao comando e a admiração aos mestres era total. Havia receio da cadeira “azul” da diretoria, de ser posto para fora de aula, da suspensão, então, nem se fala. Tudo bem; era até rígido demais e punitiva em excesso, mas que funcionava ninguém duvidava. Os “mestres” faziam parte do resto de nossas vidas e, quando cruzávamos com eles nas ruas, após décadas, nos dirigíamos respeitosos aos diretores aposentados. Acreditem, era bom ir para a escola! Sério! Ali era uma opção aos amigos da vizinhança, havia a paquera ingênua, o bate-papo na saída, a comparação das notas, o jogo de queimada. O que aconteceu com esse lugar tão sagrado que, hoje, educador tem aversão ao trabalho, os alunos vão obrigados e não estão nem aí, e os pais não param de reclamar tanto da escola quanto de seus filhos que não sabem nem fazer “conta de cabeça”, aparecem com roupas esquisitas, muitas vezes, bebendo, fumando e sendo mal educados?

Outro dia, vi em uma charge onde aparecia uma rua com várias casas: lan house, shopping, academia, boate, barzinho e uma casa caindo aos pedaços com uma placa em que se lia: “ESCOLA: Passamos o ponto”. Reparem que a explosão da internet, games, celulares, TVs a cabo, iPod e outras infinitas “novidades eletrônicas” que aparecem a cada dia, coincidem com o desinteresse e o desprazer com que o aluno percebe a escola, lugar para onde vai “por pressão dos pais”, alegando ainda que sabem mais de informática e eletrônicos do que os pais e educadores (e, no geral, é verdade), fator esse que os faz se sentir superiores e mais poderosos que os adultos.

Antigamente, no tempo que “prendia-se cachorro com lingüiça” e escolas eram exemplares, as famílias, diante de sua imensa prole (7, 12 filhos) pegavam os mais agitados, levavam até o colégio interno aos 9, 10 anos e só buscavam aos 18 “educado e letrado”. Os colégios internos exerciam o papel de lar, de disciplinador, de educador e de orientador, reunindo num só local as funções de pai, mãe, família, escola e vida social. Todos ouviam as terríveis histórias – falsas ou verdadeiras – do que acontecia ali: punições severas, rigidez, privações. Porém, escutava-se também: “Sou a pessoa que sou graças à minha formação em seminários e colégios de padres e freiras”. O problema hoje é, no fundo, com famílias cada vez menores, os pais querem que as escolas assumam o mesmo papel de educar e formar a moral, o caráter e a ética em seu filho. Não é por aí. Pais e escolas têm que entender os seus papéis. Não é culpando uns aos outros, cobrando ou exigindo, que a educação pedagógica, moral e ética será feita, seja esta função das escolas ou da família. O papel é de ambas as instituições e são complementares.

Nada mudará enquanto não entendermos que na comunidade escolar todos devem participar! Os pais, os alunos, os professores, os funcionários e a vizinhança, que tem a escola como referência e que sofre com o fracasso ou é beneficiado pelo seu sucesso. NÃO EXISTIRÃO MAIS “MUROS”, onde cada um freqüenta só o seu espaço. “Entreguei o meu filho no portão da escola!” e muitos pais acham que aí terminou seu papel. “Recebi o aluno e o encaminhei a sala de aula” e o funcionário lava as mãos. “Já estou nesse saco de escola, fritando a paciência com matérias chatas, o que é sinistro, véio!” e o aluno mal suporta esperar o sinal de saída. Cadê a comunidade, a comunicação, a comunhão de idéias? Vamos resgatar o que temos em “comum” ou teremos uma guerra de “diferenças” de cor, de religião e de condição econômica. A diferença gera tensão e radicalismo, enquanto o resgate do que todo ser humano tem em comum, gera compreensão, afeto e solidariedade.

Como vimos, são muitos os desafios que temos de enfrentar diante de uma geração de crianças e jovens que muda a cada momento, cheios de modas, manias, ídolos, que rapidamente são mudados. Tudo é descartável.

É aqui que entra uma importante constatação da Unesco (órgão da ONU que pesquisa e atua na área de educação e cultura): "Em 200 anos, corre-se o risco de termos uma geração de filhos mais despreparados que a geração dos pais, pois estes não estão conseguindo transferir suas experiências e sabedorias aos

descendentes". Atenção, então, pais e educadores! **Nossos filhos têm informação em excesso** (internet, orkut, MSN, celular, Google, Wikipedia, iPhone, iPod, TV por assinatura e mil outros eletrônicos) e **conhecimento de menos!** São mais imaturos, menos sábios, menos capazes de buscar soluções para a sua sobrevivência. São mais preguiçosos e acomodados. Não se iludam. Informação (dada pelos multimeios) não significa conhecimento! Só a sabedoria, que é a arte da observação, vem do aguçamento da curiosidade, da necessidade e da experimentação. Na sabedoria corre-se o risco e a necessidade de tentar e errar, tentar e acertar e, dessa experiência, aprender com erros e acertos. É com a sabedoria que vem, verdadeiramente, a condição de aprender a viver. Para os filhos, só deixamos três heranças: o exemplo, a sabedoria e o amor.

A contribuição dos pais na vida dos filhos deve ter início na realização de uma análise sobre o **“estilo de educação”** que se transmite, pois a maneira como se educa um filho reflete-se no modo como ele se comportará e nos aspectos que valorizará em sua vida. Isto ocorre por meio da aprendizagem com os pais, do desenvolvimento das idéias, das crenças e dos valores que ditam **as regras do pensar, do sentir e do agir** das crianças e dos adolescentes, nas diferentes situações de seu dia-a-dia.

A síntese ideal do relacionamento dos pais com os filhos vem do fato de que toda a ênfase deve ser colocada, em primeiro lugar, na análise sobre a mudança de comportamento dos pais e não dos filhos e, em segundo, perceber que educar os filhos, embora seja uma missão cumprida mais com a força do amor e do instinto, tem sólida base científica. Educar é usar o raciocínio também!

“Embora o amor seja uma poderosa força para criar uma família, ele, em si mesmo, não configura a substância do relacionamento. Certas qualidades e habilidades pessoais é que são cruciais para mantê-lo e fazê-lo crescer. É preciso que todos sejam flexíveis, receptivos, compassivos e clementes. É preciso ser tolerante com as falhas, erros e singularidades do outro” (Aaron Beck).

Equipe Pedagógica